

TRÊS POETAS PARAGUAIOS

tradução: Daiane Pereira Rodrigues

JOSEFINA PLÁ



Nasceu em Isla de Lobos, Fuerteventura/Espanha em 1903. Poeta, ceramista, dramaturga, narradora, crítica de arte e ensaísta, Josefina Plá é considerada uma das figuras mais importantes da comunidade artística rio-platense. Casada com o artista paraguaio Julián de la Herrería, pseudónimo de Andrés Campos Cervera, mudou-se para o Paraguai em 1927. Passou a dedicar-se a diversas práticas artísticas e se incorporou totalmente à vida cultural da região depois de ficar viúva. Juntamente com Hérib Campos Cervera e Roa Bastos, formaram a tríade da denominada Geração de 40. Josefina falece em 1999, no Paraguai – sua pátria de adoção – deixando mais de cinquenta obras publicadas. Sua poesia pode ser encontrada *Poesías completas* (1986), mas o poema traduzido pertence a um caderno titulado *Últimos Poemas* (2015) no qual foram reunidos 6 poemas que até então tinham permanecido inéditos. Também se destacam seus contos, reunidos em *Cuentos completos* (1996) e como ensaísta *Voces femeninas en la poesía paraguaya* (1982), *La cultura paraguaya y el libro* (1983), *En la piel de la mujer* (1987) y *Españoles en la cultura del Paraguay* (1985), *Hermano negro: la esclavitud en el Paraguay* (1972)

...UM VENTO

...Um vento
como a página virgem ainda
ausente de palavras
inchado de intactos temores
de esperanças
e de arrependimentos
Vento que ignora que faz tempo
que nascemos

e ninguém ainda
lhe perguntou se já não morremos

Um vento que leva
batendo em vão no ritmo °cardíaco
e no portão do sonho
no invisível pó
os instantes que nunca
serão poema
porque faltou a vítima porque faltou o resgate
do poeta prometido em sua metáfora Vento

do que só ficou órfã
uma gota de lágrima
na gema
dos dedos
para signar a face e condenar a língua
Que levou
– e você nem percebeu –
até a última letra
da palavra poema
A vida foi metáfora
que não encontrou seu verso

MARIO CASARTELLI



Nasceu em 23 de maio de 1954 em Assunção. Seu trabalho oscila entre a literatura, a música e o humor gráfico. É o autor de algumas charges e caricaturas semanais do jornal Última Hora, também incursiona no jornalismo e na crítica cultural e literária. O poema escolhido é do seu primeiro livro *La rosa de los días* (1982), mas publicou outros títulos como *Contrapunto* (1988), *Sagrada irreverencia* (1993), *Monodia del verano* (1993), *Acuérdate que te espero* (1995), *La urdimbre del laurel* (1997), *La condición del fuego* (2009), *De yambos y otros manbos* (2007), *Kamba a'ã: Frutos del alma de la negritud* (2017). Possui dez trabalhos musicais, dos quais se destacam: *Vientos de marzo* (1999), dedicados aos caídos no Março Paraguai; *Perla en el mar* (2000), dedicado a Cuba; e *Kamba mba'epu* (2003), *Kámba-kamba* (2014) e *Tres mujeres tres tambores* (2017), discos que compôs com a comunidade kambakua, de descendentes africanos. Como cronista publicou *Palestina: la llave entre las piedras* (2010) no qual defende a causa palestina.

MEMÓRIA

Porque ao riscar o pó da mesa com o dedo
te recordei no vazio dessa tarde
e pude ver tuas mãos carcomidas pelo esquecer do
tempo, saí sobre a febre de homens e bozinas, sobre as
ruas que já não te conhecem.
E não senti os ramos do parque soando sob meus passos.
nem a tristeza profunda dos cachorros,
nem a algazarra de crianças que passou por meus ouvidos
e busquei um bar vazio
para me sentar sozinho,
e nada me importou a garoa atrás da janela
e fui à orla

caminhar os matos e as poças,
e quando ergui os olhos para a noite
para dobrar meu rosto em teu peito,
para te abraçar, pai,
como beijei tão só a face de tua
ausencia, sobre o vasto silencio de uma
pedra, parado, ante a chuva, comecei a
chorar-te.

HERIB CAMPOS CERVERA



nasceu em 30 de março de 1905, em Assunção. Poeta e colaborador de revistas tais como Juventud, Ideal y Alas na década de 1920, Campos Cervera forma parte da Geração de 40, juntamente com Josefina Plá e Augusto Roa Bastos.

Sua infância - longe dos país no Colégio de San Lucas de Hohenau, instituição que denominou como “o cárcere” - e uma adolescência conturbada foram plasmadas, posterior e literariamente, em sua poesia. Em 1931, devido a sua posição política anarquista e socialista marxista, precisou seguir para o exílio, primeiro em Buenos Aires/ Argentina e depois para Montevideo/ Uruguai.

Ao voltar para o Paraguai em 1938, consolida sua importância na produção poética que assume, esteticamente, duas vertentes: uma de forte expressão intimista e pessoal; outra de essência social e comprometida.

Sua principal obra poética é Ceniza redimida (1950), livro ao qual pertence o poema que selecionamos, e o poemario póstumo Hombre secreto (1966). Em 1953, Herib Campos Cervera falece em Buenos Aires, deixando o relato El buscador de fe, o romance El ojo enterrado, a obra teatral Juan Hachero , o romance Hombres en la selva e o poemario Romancero del destierro.

UM PUNHADO DE TERRA

de tua profunda latitude;
de teu nível de solidão perene:
de tua face de greda
carregada de soluços germinais.

Um punhado de terra,
com o carinho simples de seus saís
e sua desamparada doçura de raízes.

Um punhado de terra que leve entre seus
lábios o sorriso e o sangue dos mortos.

Um punhado de terra
para arrimar a seu aceso número
todo o frio que vem do tempo de morrer.

E algum resto de sombra de tua lenta arvoreda
para que me custodie as pálpebras de sonho.

Quis de Ti tua noite de flores de
laranjeira; quis teu meridiano quente e
florestal; quis os alimentos minerais que
povoam os duros litorais de teu corpo
enterrado, e quis a madeira de teu peito.
Isso eu quis de ti.
(-Pátria de minha alegria e de minha dor;)
Isso eu quis de Ti.

II

Agora estou de novo nu.
Nu e desarmado
sobre um alcantilado de lembranças;
perdido entre recantos de trevas.
Nu e desolado;
longe do firme símbolo de teu sangue.
Longe.

Já não tenho o remoto jasmim de tuas
estrelas, nem o assédio noturno de tuas selvas.

Nada: nem teus dias de violão e facas, nem a desmemoriada claridade de teu céu. Como uma pedra ou como um grito somente te nomeio e, quando procuro voltar à estatura de teu nome, sei que a Pedra é pedra e que a Água do rio foje de tua abrumada cintura e que os pássaros usam o alto amparo da árvore humilhada como um despenhdeiro de seu canto e suas asas.

III

Mas assim, caminhando, sob nuvens distintas; sobre os fabricados perfies de outros povos, de repente, te recordo.

entre solidões invencíveis,
ou por cegos caminhos de música e trigais,
descubro que te extends longamente a meu lado,
com tua martirizada coroa e com tua límpida
lembrança de guaranias e laranjais.

Estás em mim: caminhas com meus passos, falas por minha garganta; te ergues em minha cal e morres, quando morro, a cada noite.

Estás em mim com todas tuas bandeiras:
com tuas honestas mãos lavradoras
e tua pequena lua irremediável.

Inevitavelmente

– com a pontual constancia das constelações –
vêm a mim, presente e telúricas: tua
cabelheira torrencial de chuvas;
tua nostalgia marítima e teu imensa
pesadelo de planícies sedentas

Me habitas e te habito:
submergido em tuas chagas,
eu vigio tua face que morrendo, amanhece.

Estou em paz contigo;

nem os corvos nem o ódio
podem me privar de tua cintura:
eu sei que estou levando tua Raíz e tua
Soma sobre a Cordilheira de meus ombros.

Um punhado de terra:
Isso eu quis te Ti
Isso eu tenho de Ti.